

TRIBUNA Livre

22
OUTUBRO
1960

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMAOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 - AMARES

O S. MARTINHO

Vem aí, enquadrado cronologicamente no tempo que se lhe podem prestar as devidas honras em petiscadas e magustos.

Não está demonstrado por que motivo a enologia escolheu este santo patrono, mas pode admitir-se que a intenção popular, apegada de sempre a advogados celestiais, o escolheu inspirada pela mesma poesia e espiritualidade que delegou noutros santos outras semelhantes formas de devoção e simpatia.

Ainda se não falava nos mldios da vinha, nem em especialidades médicas e cirúrgicas, e já o bom povo tinha os seus especialistas no reino dos céus para todas as afecções e achaques, desde a planta dos pés aos olhos e aos ouvidos.

Herdou este seu modo de ser das velhas fórmulas do paganismo. Já aí o deus Baco (bago) tinha os seus festins famosos — as bacanais; as sacerdotizas que lhe rendiam um culto todo feito de

orgias e estouvamento — bacantes.

Mulher ébria é prestes à dissolução.

Mudou-se de divindade, banuiu-se por completo a mitologia pagã, mas as repetidas libações a Baco, o *sacrificio* suave e amoroso do culto que se lhe tributa por essas mesas e pedras de ara de *capelas* sem fim, enfeitadas do ramo de loiro, (que também coroa a fronte de Baco) multiplicaram-se descomunadamente.

Redobrou infinitas vezes o número dos seus sacerdotes e sacerdotizas, até de sumos pontífices e máximos da bebedeira que *sacrificam* (a bolsa) até ao êxtase, até se sentirem transportados às regiões etéreas onde habitará o seu deus, porém com risco de contarem a largura das estradas ou caírem de borco e entrarem a quatro patas em casa, se derem com ela.

Era muito menor o número destes infelizes céle-

bres, quando ainda há bem poucas dezenas de anos nalgumas terras já por esta altura se começavam a compor umas sátiras e boas destinadas a atirar ao vento no dia próprio, encabeçando-as nos mais *conceituados* foliões e vaza-barris que então se contavam pelos dedos.

Passou de moda, porque os tais poetas também começaram a merecer a cara-

Continua na 2.ª página

O MUITO E O POUCO

Encontrar o justo equilíbrio nas decisões e nas atitudes, é medida de salutar importância na vida. Não é difícil reconhecer quão acertado é este princípio, mas já o mesmo não sucede com o de determinar onde estão os limites do pouco, isto é, o difícil está precisamente em encontrar o princípio do equilíbrio em matérias por vezes tão complicadas como sejam, por exemplo, o que se deve comer, o que se deve beber, ou como se deve agir em presença dos imperativos do dever, da bondade ou do altruísmo, ou ainda, qual a natureza do concelho que é preciso dar a quem no-lo solicita com vivo interesse!

São problemas na realidade bem complexos e para os quais, dificilmente se poderiam estabelecer regras absolutas, já que, na maior parte dos casos, o muito ou o pouco depen-

Assuntos de interesse para o Concelho.

Na próxima semana deslocam-se a Lisboa, onde vão tratar de assuntos do maior interesse para o Concelho, os srs. drs. Eduardo Gonçalves e António José da Costa, respectivamente, presidente e vice-presidente da Câmara, Padre Albino José Fernandes Alves, Arcipreste e presidente da Comissão Municipal de Assistência e Paulo Barbosa de Macedo, presidente da Associação dos B. Voluntários e vereador.

Estão marcadas audiências em vários Ministérios.

Continua na 6.ª página

Hecatombe Política do Congo

Raras vezes nos meandros da história a crise política de uma nação recém-nascida fez convergir para ela com tanta intensidade a atenção do mundo inteiro. Há todavia uma forte razão para que assim aconteça visto que o caso congolês não é uma simples questão interna mas um produto do choque das ideologias que tentam nortear o mundo inteiro. Tudo ali se fez sentir desde as divergências étnicas, idiomáticas e religiosas internas, às repercussões da actividade da ONU,

à política subterrânea dos E. U., incidiosa da URSS, ao Pan-Africanismo, à política interna e externa da Bélgica.

Constituído pelo Congresso de Berlim (1885) e entregue ao rei dos belgas Leopoldo II, o Congo foi deixado em testamento à Bélgica em 1908 para o colonizar e tornar independente.

Nação pequena e sem prática alguma de colonizar, a Bélgica conseguiu todavia fazer muito em pouco tempo mas transformou finalmente o Congo em vítima da sua política e falta de coesão internas. Constituída por valores e flamengos, por católicos e protestantes, por socia-

(Continua na 2.ª página)

Soberania Nacional no Ultramar.

As autoridades concelhias e diferentes organismos, enviaram ao Senhor Presidente do Concelho telegramas de repulsa pelas afirmações feitas na O. N. U. quanto às províncias ultramarinas portuguesas.

Cá, como aliás em toda a parte, fez-se sentir a maior indignação pelas acusações infundadas que o comunismo internacional lançou contra a soberania portuguesa no Ultramar.

UM LAMENTO

Escolhemos este título com o propósito de que, os que lerem este artigo e que estejam ligados ao Clube não julguem que quizemos ferir este ou aquele, mas sim e só, tirar do ocorrido lição para o futuro.

Trata-se do Futebol Clube de Amares, que acaba de deliberar vender as suas instalações sonoras.

A quem como nós, que fomos principais obreiros na laboriosa constituição desta colectividade. lhe demos com sacrifícios enormes e sem conta uma posição de destaque nos meios desportivos, lhe conseguimos um campo de jogos digno da terra, que tentamos dar ao Clube vida desafogada, conseguindo para tal uma bouça para Stand de tiro e compramos umas instalações sonoras que entregamos com materiais cujo valor

do custo (segundo contas apresentadas em tempo) era de 51.000\$00.

Nós que sonhamos vir a ter uma grande colectividade, com várias ramificações desportivas, como ciclismo, por exemplo, cujas possibilidades estão bem à vista pelo que se tem feito, embora extra Clube, nós que proporcionamos à terra a par disto, uma unidade bairrista impressionante e lhe creamos fontes de vida intensa.

Nós que procuramos dar a todas as instituições mais e melhor património, mais e maior actividade, o que felizmente temos conseguido em todas, sem excepção, e vemos desbaratar quase todo o património duma instituição, sempre tão querida e sobretudo as fontes da sua própria

Continua na 4.ª página

O Silêncio de Fátima

por António Maria Zorro.

À mesma hora em que na grande sala da Assembleia Geral das Nações Unidas ressoavam os ecos dos últimos muros vibrados pelo chefe do comunismo internacional e pelos seus acólitos, quatrocentos mil peregrinos, vindos de todas as partes do mundo, desfiliavam em procissão pelo ferreiro do santuário de Fátima — mas desfiliavam em silêncio, sem que um «Avé» se fizesse ouvir, sem que um cântico ferisse o negrume da noite e rompesse o pesado, denso veu de nuvens que cobria os céus da Cova da Iria.

Conforme o próprio Prelado da Diocese o declarou, esta foi a maior manifestação internacional de oração e de penitência realizada até hoje em cumprimento da mensagem que em outro ano sombrio, de há mais de quatro décadas, a Virgem Maria veio trazer ao mundo, em Fátima e por Fátima. Tudo decorreu como de costume — a procissão das velas foi um rio de luz e a procissão do Adeus foi um mar de lenços brancos; durante oito horas

seguidas celebraram-se perto de 500 missas e só em uma delas — a rezada pelo Cardeal Patriarca de Lisboa — foram dadas 48.000 comunhões; centenas de doentes fitaram os seus olhos cansados de chorar na Custódia rútila com que eram abençoados; além do Episcopado português, esteve presente um Príncipe da Igreja, desta vez o Cardeal Lercaro, Arcebispo de Bolonha. E além dele outros Prelados estrangeiros, o Arcebispo de Bagodá, defensor da Fé no Iraque muçulmano e intolerante; o Bispo de Mindouro, nas distantes mas católicas Filipinas; o Bispo Andreas Rathof, um russo da Sibéria, há muito refugiado na Alemanha — e ainda Monsenhor Haberstroch, que os comunistas expulsaram da sua Prefeitura Apostólica de Sining, na China Continental; foi, aliás, dos mais devotos, dos mais profundamente impressionados pelo culto de Fátima este lutador da Cristandade na já perdida Cristandade do Oriente.

Continua na 6.ª página

HECATOMBE POLITICA DO CONGO O S. MARTINHO

Continuação da 1.ª página)

listas, sociais-cristãos, liberais e comunistas, falando o francês e flamengo, a Bélgica lançou no Congo toda essa heterogeneidade de elementos que lhe roubaram qualquer possibilidade de união atendo a que a estes se vieram juntar, entre outros, grande quantidade de portugueses, gregos e judeus.

O Congo oscilou sempre com a situação política interna da Bélgica e um momento houve em que não conseguiu recompôr-se duma forte oscilação sofrida. Tendo ascendido ao poder os socialistas, foram cortados todos os subsídios concedidos às missões católicas e estas, por sua vez tentaram subtrair o Congo à Bélgica. E assim encontramos o primeiro «Círculo Cultural» a publicar o «Consciência Africana» (publicação esta em que foi divulgado o célebre «Manifesto» da autoria de Kalonji, em 1956) fundado por um padre com a colaboração de ex-seminaristas. Com o retorno ao poder dos sociais-cristãos nada foi possível remediar, já porque o ambiente estava criado, já porque esbarraram com a oposição de socialistas e comunistas, já porque a publicação do «Plano para emancipação do Congo em 30 anos de Van Bilsen, as conferências Pan-Africanas (Cairo, Acra, Dahomé) precepitaram os acontecimentos e apenas lhes deixaram a possibilidade de temporizar, conceder e jogar com a rivalidade dos partidos políticos congolezes.

O segundo factor foi de ordem interna ou seja derivado das divergências étnicas, idiomáticas e económico-sociais.

Tal como acontece em outras regiões africanas a população do Congo é constituída por uma infinidade de raças (bangalas, balubas, lundas, luluas, bakongos, atetelas, bateses etc.) com predomínio sobre determinadas regiões das seis províncias (Leopoldville, Equador, Oriental, Kasai, Kivu e Catanga) raças essas cujas mútuas relações raras vezes são amistosas. Enquanto por exemplo, aqui em Angola procuramos fundir essas raças pela unificação religiosa e sobretudo pela incorporação indiscriminada nas fileiras do exército (escola da boa camaradagem), os Belgas nada fizeram nesse sentido. Assim as primeiras reivindicações pre-políticas foram de ordem linguística, reivindicações essas levadas a efeito pelos Bakongos que viam o seu idioma preterido pelos administrativos, imprensa e rádio em benefício do «lingala». Para tal fundaram o movimento ABAKO, com finalidades culturais (1953) movimento esse que depois de unificar um povo (bakongos), um território (baixo congo), depois de criar um mito (antigo reino do

congo), escolher uma religião (kimbanguismo) e de ter heróis (Kasavubu, Kanza etc.) se arvorou em movimento político que viria a retalhar a influência Belga. A semelhança deste outros partidos se criaram tais como: Movimento Nacional Congolês (que chefiado por Lumumba lutava pela unificação do Congo e completa independência da Bélgica); Partido Nacional do Progresso (chefeado por Bolikango pretendia um Congo unificado independente, mas em estreita colaboração com a Bélgica) e o CONAKAT que pretendia um Congo independente e federal.

No aspecto religioso encontramos sempre a rivalidade entre o catolicismo e protestantismo e este último em constantes ramificações locais com preponderância do «quimbanguismo» e «tocoismo». No aspecto social e económico uma grande afluência às cidades e consequente crise de emprego. Como esta afluência provinha de grupos étnicos diferentes, verificou-se a tentativa de união de todos os irmãos da mesma raça residentes na cidade pela fundação de casas semelhantes às que nós encontramos na capital do império e aqui no ultramar (Casa do Minho, Casa das Beiras etc.) e que posteriormente, se transformaram em alfobres políticos de grande projecção no decorrer dos futuros acontecimentos.

Todavia um dos maiores golpes no débil laço que unia o Congo à Bélgica seria dado pelas conferências Pan-Africanas.

A semelhança do pan-americanismo apareceu o pan-africanismo teorizado por Sylvester Williams, du Bois, Marcus Garvey, Padmore etc. e concretizado pelas primeiras conferências (Paris, Londres, Nova York etc). Transplantadas essas conferências para África pelos elementos teorizadores, ali se realizaram em série. Primeiro no Cairo, conferência essa que serviu de ponte para a entrada oficial da Rússia em África pela mão de Nasser, homem que sonhava com a unificação de todo o continente e estender sobre ele o seu império. Todavia o sul do Sahara não se deixou enganar por Nasser e elegeu a sua meca (Acra) e o seu profeta (N' Krumah) sucessor de Marcus Garvey. Ali e no Dahomé tiveram lugar as futuras conferências pontificadas por N' Krumah e às quais assistiram os principais chefes de M. N. C. (Lumumba, Kanza etc) que de regresso ao Congo, procuravam incendiar-lo com suas palavras inflamadas originando motins e carnificinas. A derrocada da Bélgica era já inevitável. Entretanto Hemmelryck, ministro belga, vem ao Congo e, numa tentativa de conquistar simpatias, crítica em púb-

lico os brancos residentes no Congo e procura atribuir-lhes as culpas de todo o mau estar. O resultado de tal atitude não se fez esperar verificando-se imediatamente a explosão do ódio racial que originou o exodo sangrento. Numa última tentativa procura entrar em contacto e fazer negociações com os políticos congolezes e, encontrando todas as portas fechadas, para iludir o fracasso da sua missão, convida-os para a reunião da Mesa Redonda em Bruxelas onde apenas conseguiram marcar a data da independência.

Os E. U. e URSS não foram alheios à hecatombe congoleza. Sobre a estátua da Liberdade e sobretudo nas torres do Kremlin pairam sempre duas aves de rapina espreitando vítimas da sua ganância económica. Duma maneira velada uma e declaradamente outra, estiveram as duas presentes no desenrolar dos acontecimentos do Congo com a sua propaganda de emancipação e independência a todo o transe, sem olhar às consequências, porque são as anarquias que lhes enchem os cofres.

Por seu turno a ONU, ao serviço dos mais fortes, exorbita das suas funções servindo de capa protectora à consecução de interesses. A semelhança de tudo o que ali se passa, de momento em relação a esta nossa Angola, outros casos se passaram anteriormente em relação a todos os países africanos onde não existe agora a quietude de Angola. É muito duvidoso o futuro duma organização que permite a discussão em ordem do dia da política interna dos países que cultivam e lutam por uma paz verdadei-

Continuação da 1.ª página
puça e não houve mais quem lhe fizesse.

* * *
*Sant'lago pinta o bago.
Pelo S. Martinho prova
o teu vinho.*

Isto é poesia e sabedoria popular, mas quem haverá que hoje em dia se reserva, com paciência ou doença, para prová-lo só nessa altura? Vem a propósito, para terminar, uma história contada e ouvida com foros de verdade:

Marido e mulher travavam-se frequentemente de razões

Falecimento

No passado domingo, na freguesia de Rio Caldo, faleceu o sr. Padre Manuel Pires de Almeida, capelão do Santuário de S. Bento.

Sacerdote muito estimado pelas suas qualidades serviu durante muito tempo como capelão daquele Santuário sendo muito conhecido.

O seu funeral, que se realizou na passada terça feira, teve a presença de quase todo o clero do Arciprestado e de muito povo que se quis associar à última homenagem ao falecido.

ra e muito mais duvidoso se torna desde o momento em que essas discussões sejam feitas de «sapato na mão» tal como nas carbonárias onde se partiam as cadeiras. Não obrigamos ninguém a conhecer-nos mas impediremos

qual deles dava maiores batidas à única cuba que envidiava para governo do ano inteiro.

— Mulher, dizia ele, estás mais por casa e andas muito pela loja.

— Ó homem, olha que vais lá menos vezes, mas cada uma vale por sete das milhas!

E, quando se inclinava a vazilha, para explir as últimas gotas do precioso néctar, a fúria, com a má fé do desgoverno, redobrava de intensidade, como se o resto do ano se lhes figurasse uma noite escura e sem esperanças de tornarem a enchê-la.

De ano para ano era o mal sem cura, e piorava.

Já saturada dos ralhos constantes do homem, e para se livrar de questões e dúvidas, de quem bebia mais a mulher escogitou e no primeiro S. Miguel sugeriu-lhe uma ideia: de futuro dois buracos na cuba — um no fundo outro no meio, por onde ele concordou beber. O primeiro que acabasse daí por diante faria cruces na boca.

Juraram e comprometeram-se a respeitar o contrato; e o pobre do homem teve, em dado momento, de render-se à evidência dos factos. Mal convencido teve de se calar e concordar com a mulher que era ele quem bebia mais.

que deturpem a nossa maneira de ser. E indiferentes à sua propaganda, os negros e brancos de Angola continuarão a confiar no seu destino de povo português.

Josnar Gayo

O Circuito em Ermezinde

A má actuação dos representantes da Associação de Ciclismo do Norte

Conforme havia sido anunciado, realizou-se no passado domingo dia 16 do corrente o primeiro Circuito para populares em Ermezinde.

Tal circuito destinava-se em benefício do Centro de Assistência de Ermezinde, e em homenagem aos corredores independentes do F.C. Porto, Académico e Salgueiros, tal se revestiu de maior entusiasmo, dado que era o primeiro ali realizado.

Sempre que me desloquei a diversas partes para assistir a tais provas desportivas, como foram: Guimarães, Vila das Aves, Matozinhos, Oliveira do Douro, Aldoar, Valongo, etc, verifico da parte das pessoas encarregadas ao Júri, faltas imperdoáveis; faltas essas que ao fim da prova resulta em prejuizo de equipas que o não merecem, e um benefício d'outras, que não tem direito, será

que essa troca de lugares é feita em prejuizo de umas para benefício de outras por falta de competência, ou porque não têm moral nem consciência nos lugares que desempenham, pois um Grupo que se desloca a 60 quilómetros com os seus atletas, é penoso tirar-lhes os lugares que merecem, que se esforçaram para obter, para ao fim vir um Zé ninguém, com uns antolhos nas orelhas desfazer o que tanto soor custou.

No passado Domingo desloquei-me a Ermezinde, para assistir ao circuito, verificando como de costume mais uma irregularidade, tendo um dos senhores do Júri, dado ordem ao Corredor da A Modelar, António Camilo para abandonar a prova, pois que se encontrava já eliminado. Caros leitores é lamentável e causou grande desa-

grado a notícia pois o corredor pedalava no pelotão corajosamente, e ao receber a notícia caiu para o chão a chorar, por ordem dum director do clube o que representava, o rapaz seguiu em perseguição, tendo alcançado novamente o pelotão, pois A Modelar encontrava-se com três corredores á cabeça, este caso deu discussão rija entre os directores e o Júri, ficando estes convencidos que tinha havido falta, consentiram que o corredor continuasse em prova, mas não quiseram voltar a trás, pois tendo o corredor cortado a meta com o mesmo tempo dos primeiros, não tiveram a vergonha de o classificar em vigéssimo quinto, com duas voltas de atraso, lamentável vergonha, disto resultou que o corredor

Continua na 4.ª página

TRIBUNA do CONCELHO

Se a vida do homem fosse eterna...

Que aspecto ofereceria a Terra se a morte não existisse, multiplicando-se todos os seres sem qualquer obstáculo a impedir tal expansão?

É fácil compreender, pela lei das progressões geométricas, que isso levaria o mundo a um estado verdadeiramente caótico. Num século, pouco mais ou menos, a superfície da Terra estaria tão densamente povoada, que seria impossível aos entes moverem-se — e lutariam entre si milhões e milhões de animais. Os mares encher-se-iam de peixes de modo tão compacto, que não seria possível ensaiar qualquer meio de navegação. O ar perderia a sua transparência como consequência do número fabuloso de aves e insectos. Os seres apertar-se-iam de tal sorte, e se destruiriam tão impiedosamente, que se ouviriam a todas as horas lamentos e choros porque não havia lugares para novas gerações. Produzir-se-iam tais cenas de terror, que as mais tenebrosas passagens do Inferno de Dante resultariam, comparadas com elas, regosijantes páginas de humor.

Cálculos e cifras demonstram que não há nessas afirmações o menor sinal de exagero. Se não existisse a morte, num só verão nasceria uma geração de vinte milhões de novos seres. Em cinco anos, a quantidade teria de expressar-se com trinta e sete números. As aranhas invadiriam a terra de tal modo que seria impossível evitar o seu repugnante contacto, e as suas teias apareciam por todas as partes. Menos mal que a própria Natureza, a morte, destrói noventa e nove por cento dos seus ovos.

A morte destrói todos os anos três quartas partes dos pássaros que nascem. Se não fosse assim, um casal daria em vinte anos milhões de novos seres. Um casal de pombos produziria em sete anos dez milhões de «individuos».

A multiplicação dos peixes adquiriria caracteres inauditos. Só uma classe deles — a vulgar e alimentícia sardinha — produz no terceiro ano vários milhões de ovos. É preciso pensar que as embarcações deslizariam sobre os lombos dos peixes de todas as espécies.

Dos animais terrestres, o elefante é o que mais lentamente se reproduz; mas em quinhentos anos havia vinte milhões de paquidermes, que produziriam marfim para construir um gigantesco anel que desse a volta à superfície da Terra.

Em duas ou três décadas, os crocodilos teriam ocupado todos os rios e os ursos, lobos, tigres e leões tornariam

impossível qualquer civilização.

E o homem? Antes da guerra actual, viviam mais de mil milhões e meio de habitantes. Fazendo-se um ligeiro cálculo do povoamento, ver-se-á que, sofrendo um aumento de um milhão de vezes mais que actualmente, o Globo povoar-se-ia até o último rincão. E quando sucederia isto se a morte não existisse?

As estatísticas demonstram que a percentagem do aumento da população é de três e meio. O capital posto num Banco a um juro de três e meio por cento duplica-se cada vinte anos. Em quatrocentos, os homens cobririam até o último centímetro de todos os continentes e ilhas do globo terráqueo.

No ano 2400, as novas gerações teriam de arrumar-se materialmente sobre as cabeças dos das gerações mais velhas. Isso ocorreria se o homem fosse imortal.

Sem ter em conta o terrível desgaste da guerra, o aumento natural da povoação europeia vinha variando entre 1,8% e 0,36%, tomando como termo médio 1,0% é fácil calcular que a população se duplicaria ao cabo de setenta anos. Se tal proporção de aumento se mantivesse, depois de a população mundial ter sido duplicada dezanove vezes, ou seja em menos de mil e quatrocentos anos, a população aumentaria um milhão de vezes e no nosso planeta não ficaria em absoluto a mais pequena extensão de terra livre.

Realmente a perspectiva não é muito lisonjeira...

CALDELAS

O Tempo e a Agricultura

Caldelas. — O tempo tem decorrido com intensa invernia, prejudicando consideravelmente as colheitas dos cereais que já começam a apodrecer.

As vindimas estão praticamente concluídas, sendo o vinho novo de óptima qualidade e a quantidade regulável pelos anos anteriores.

Devido à grande invernia os caminhos têm sofrido grandes e consideráveis estragos encontrando-se a via principal de Caldelas à sede do vizinho concelho de Terras de Bouro, quase intransitável, sendo muito necessário e urgente a sua reparação.

O Correspondente,

Amarense que regressa à Venezuela

Esteve entre nós a apresentar cumprimentos de despedida o nosso estimado assinante Senhor José Daniel de Faria, natural da freguesia de Dornelas, importante industrial em Caracas — Venezuela, filho dum respeitada família deste concelho.

Este nosso ilustre conterrâneo que de visita à família esteve cerca de 3 meses, manifestou-nos o que lhe custava deixar esta terra querida, onde esperava regressar definitivamente em breve.

Tribuna Livre, deseja-lhe feliz viagem e que os seus desejos de regresso se concretizem o mais breve possível.

BESTEIROS

Aniversários

No passado dia 13 de Outubro festejou as suas risinhas 94 primaveras a Senhora D. Francisca Antunes, do lugar de Banhadouro, tia muito querida do Senhor Dr. Eduardo Gonçalves. Hoje, dia 22 celebra a mesma linda idade, 94 anos, a Senhora D.ª Josefa Rosa de Castro Almeida, do lugar do Areal.

As suas filhas Rosa e Maria e demais pessoas familiares e amigas celebram e festejam esta data gloriosa com Missa de Acção de Graças, actos de piedade, benfazeres aos pobres e com um almoço íntimo de alegre confraternização. Oxalá, estas aniversariantes cheguem aos 100 anos.

Para Lisboa

Já regressaram a Lisboa após umas curtas férias, os Ex.ªs Senhores: Manuel Fernandes Garcia, José Pinheiro, Francisco Pinheiro e Manuel Pinheiro e sua Ex.ªma Família, que promoveram antes da partida, uma linda festividade em honra de Nossa Senhora de Fátima e Santa Filomena. Parabéns e muitas felicidades.

Noivas

Estão noivas as gentis meninas, Alice Pereira da Mota, Maria Regina Pereira da Mota, Rosa da Silva de Macedo e Maria da Glória Teixeira de Macedo. Sonhos e esperanças.

Santa Filomena

Tem sido aqui muito festejada, e em Mouquim e Minhotões, esta grande milagrosa Santa, como o prova o seguinte programa:

CARTA DE LAGO

Meu caro amigo António

Casamentos

Com data de 10 de Agosto de 1960 casaram em Lago os senhores Manuel Teixeira Fernandes e Maria Lopes de Azevedo, ele filho de José Maria Fernandes e Clementina Alves Teixeira, outrora feitores da «Casa do Costa de Lago» e ela filha de Joaquim Francisco de Azevedo, mais conhecido por «Lacota» e Narcisa Rosa Lopes. Foram viver para Maximinos, Braga.

Em um de Outubro casaram os senhores Abel Veloso Correia e Rosa da Silva, ele filho de Manuel José Correia e Maria Custódia Veloso, e ela filha de Maria da Silva.

No dia 10 de Outubro fizeram o seu casamento Francisco Barbosa Lopes, de Palmeira, filho de José Lopes e Declinda Maria Barbosa e Lucinda Ferreira de Freitas, de Lago, filha de José Joaquim de Freitas e Delfina Lopes Ferreira.

Foram viver para Palmeira, Braga. No dia 15 casaram em Portela, Amares, Amaro José Borges Soares, e Emília da Cunha e Costa, ele filho de Tomás Ribeiro

Continua na 4.ª página

HUMORISMO

O Casamento como Negócio

Ele beijando-lhe a mão.
— Esta mãoz nha vai fazer muitas pessoas felizes.
Ela admirada:
— Muitas?! Só duas:—tu e eu!
— Ora essa e os meus creadores?...

Descoberta

Na volta, depois de visitar o Jardim Zoológico, D. Mercedes comunica ao marido:
— Sabes o nosso filho começou a falar!
O pai contentíssimo:
— Sim? Que disse ele?
— Quando passávamos junto da janela dos ursos, o pobre anjinho abriu a boquinha e disse:—pa... pápa... pá.

Entre Casados

— Eu, se um dia enviuvar, não volto a casar...
— Nem eu!...
— Gato escaldado...
— Eu também ainda que ficasse viúvo dez vezes não tornava a casar!...
— diz o marido.

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Dia 24—o snr. Fernando José de Freitas.

Dia 26—a menina Maria Alice Macedo Martins e o snr. João da Rocha Barbosa.

Dia 27—a snra Maria da Conceição Dias Correia Portela e o snr. Alvaro de Freitas.

Dia 28—a snra Ermelinda Pereira Barbosa de Macedo.

* * *

Passa no dia 28 do corrente mês o aniversário natalício o snr. Dr. Paulo de Sousa, residente na cidade de Braga.

Fazemos votos de mil felicidades e uma longa vida na companhia de todos que lhe são queridos.

Terras de Bouro

E os seus Problemas

Continuação da 5.ª página

didadas no meio desses montes; o mesmo piar triste dos mochos pelas noites escuras.

Os anos vão passando e as gerações em série vão cultivando os mesmos campos, lançando na terra as mesmas sementes, pelos mesmos processos comendo nos intervalos do trabalho refeições sempre iguais e regressado à mesma casa pela noite para, à luz dum candieiro de petróleo e olhos fixos nas brasas, pensar no trabalho do dia que se segue. Uma vez por outra há uma pequena alteração quando necessita de ir à vila para vender os seus produtos, pagar a décima ou assistir à missa. Então lá vai mas até mesmo ali tudo continua igual. A mesma avenida com as mesmas árvores e sempre do mesmo tamanho. Ao lado esquerdo desta a mesma «barranheira» com o mesmo «jardim», as mesmas covas de cimento onde estão sentadas as pessoas do costume e por cima o morro das «oliveiras», muros toscos e medas de palha. Mais adiante o mesmo posto da G. N. R. no mesmo edifício sempre a ameaçar cair. Do outro lado lá está o mesmo edifício dos correios onde se entra descendo com muito cuidado para não meter os pés nos buracos do soalho. Mais acima o mesmo barracão da Casa do Povo com a mesma secretária tosca, o mesmo armário com os vidros partidos, a mesma mesa de ténis sem redes, as mesmas raquetes partidas e o velho tabuleiro de damas com «tapas de garrafa» a substituir pedras perdidas. A seguir o mesmo muro tosco com oliveiras sobranceiras. Mais adiante lá está o velho largo sem alcatrão com o mesmo fontanário ao ceatro, muito sujo como dantes. De frente a Câmara Municipal com o seu relógio que nunca anda certo, o mesmo pavimento de cimento com buracos, as mesmas escadas a gemer, as mesmas repartições com os mesmos quibês. Ali ao lado e mesmo junto há (quase sem permitir que passem duas pessoas a par no intervalo) está a velha capelinha de S. Brás onde os fiéis ouvem missa de pé porque não cabem mesmo enchendo a sacristia e não podem ficar à porta do fundo porque estorvam o trânsito e além disso correm o risco de serem mal tratados. Mais acima, naquele morro, rodeados de silvas e mato, lá estão os mesmos (por milagre) sinos enforcados nos carvalhos a bradar contra o marasmo, a falta de brio, de bairrismo, de união. Lá estão eles clamando pela construção duma igreja que lhes dê abrigo, pelo arranjo do edifício municipal, pela substituição do fontanário por um pequeno jardim, pelo alcatroamento do largo principal, pela destruição das «barranheiras» com o seu jardim e

morro das oliveiras, pela construção duma Casa do Povo que não seja um insulto à obra e ideal do Estado Novo, por um edifício dos correios onde não seja preciso descer para entrar. Lá estão os sinos enforcados a dizer aos turistas que por ali passam à procura da vila de Terras de Bouro que perdoem e esqueçam tudo o que viram e voltem uns anos mais tarde para encontrarem um vila, um povo unido, jovem e progressivo. Lá estão os sinos a prometer que naquele «cerro de enforcados» há-de levantar-se um dia uma linda igreja a espreitar o lago maravilhoso duma barragem que encherá de luz todo o vale do Homem e por uma lendária escadaria, o povo da terra subirá ao lindo sanatório com a felicidade no rosto a levar um cântico de louvor a Deus. Lá estão os sinos a prometer que lindas avenidas serão rasgadas até ao alto do cemitério, destruindo os barracões e fazendo surgir, de um e outro lado, pequenas casas de gente simples e pobre mas todas caiadinhadas de branco e cercadas por pequenos jardins repletos de flores. Lá estão os sinos a lançar em todo o vale a esperança de que muitas estradas galgarão as serras para que todos desçam prazenteiros à vila a vender os seus produtos e fazer as suas compras e aqueles que, vítimas duma infelicidade, tenham de ser socorridos nos hospitais, não precisem de ser transportados em padiolas e corram o risco de morrer no caminho. Lá estão os sinos a dizer que muito em breve todo o concelho estará ligado por linhas telefónicas e haverá chafarizes de água cristalina no meio de todas as povoações e uma presença mais eficaz do grémio da lavoura juntos dos lavradores para os orientar no cultivo da terra e proteger na venda dos produtos. Lá estão os sinos simbólicos a pedir aos presidentes da junta de freguesia que sejam verdadeiros chefes, que deixem de ter como única missão passar atestados de pobreza, que olhem atentamente para os problemas da comunidade que presidem e saibam levá-los ao conhecimento da presidência da Câmara para serem estudados e resolvidos com o auxílio e boa vontade de todos. Lá estão os sinos a pedir a todos que se unam e trabalhem para prestígio e bem estar desse canteiro do Minho.

Não sei até que ponto a voz dos sinos terá sido ouvida, não sei até que ponto a lei da evolução progressiva terá sido aplicada nesse nosso cantinho que eu apenas consigo ver na paisagem das minhas recordações. Talvez se tenha feito muita coisa e não creio que tudo esteja parado. Todavia, por muito que se tenha feito dentro das poucas possibilidades municipais, muito mais se

UM LAMENTO

(Continuação da 3.ª página)

vida; ontem vendendo a Bouça, hoje vendendo as instalações e demais a mais aquilo que tão caro nos era e que tanto custou a uns particularmente e a todos em geral, sente como que um agulhão cravar-se na própria chaga ainda viva.

Duas Assembleias Gerais de triste memória. Uma para vender a Bouça, outra para vender as instalações sonoras.

Pela lógica deve seguir-se a terceira para vender o Campo e a quarta para vender o equipamento.

Não julgue caro leitor que viemos aqui dizer tudo isto para nos elevarmos a nós próprios, dizendo o que fizemos. Não; É que umas coisas não se podem dizer sem as outras e só mostrando a força indomável que foi necessário despende para construir, se pode confrontar e avaliar o crime que se acaba de cometer, destruindo.

Sabemos que a responsável pela decadência do Clube, não é a actual Direcção mas sim as anteriores, que vindo nas instalações sonoras um filão que rendeu em pouco tempo 51 contos e uma bouça para vender, que não fizeram mais que dar cabo das instalações sonoras e vender a Bouça por metade do preço.

Que disto fique pelo menos, e é essa a nossa única intenção, exemplo para as restantes colectividades e suas direcções, pois é preferível a dmissão, a tempo de evitar tais actos.

Dizia há dias o Secretário Geral das Nações Unidas, «emitir-me é fácil, difícil é aguentar o cargo e governar o barco». No caso presente deve dizer-se criar como se criou é difícil, desbaratar é fácil, e foi intelizmente escolhido o fácil.

P. M.

O muito e o pouco

(Continuação da 1.ª página)

váveis consequências duma decisão.

Depois, sintetizar uma ideia em quatro ou cinco imagens precisas, claras, acessíveis, eis o corolário indispensável dum raciocínio aturado.

As decisões tomadas de outro modo, salvo para pessoas de extraordinária visão — o que é bem raro — arriscam-se a dar resultados precisamente contrários aos que se esperavam...

É que as consequências de um modesto concelho ou de uma singela atitude podem por vezes ser gravíssimas...

Ora — prova-o a experiência — tanto se pode pecar por muito como por pouco.

poderá fazer desde que se possa contar com a união de todos e seja criado um verdadeiro espírito de equipa em defesa de interesses comuns.

Joãoar Gayo

CARTA DE LAGO

(Continuação da 3.ª página)

Soares e de Francisca Leopoldina Ribeiro Borges, ela filha de Albino da Costa e Rosa Vieira da Cunha. O nubente era natural e residente em Lago, a nubente era de Besteiros e residia em Portela.

Também há dias casou em Rendufe, Augusto Gomes Soares, com Rosa Peixoto Soares, ele de Lago e filho de José António Soares e Rosa Adelaide Gomes; ela de Rendufe e filha de António Luís Soares e Júlia Peixoto. Ficaram a viver em Rendufe.

Já deves estar admirado por te falar de tantos casamentos. Na próxima carta falar-te-ei de mais alguns, porque a série continua. Tu admiraste?... Se te lembrasses do frio que se aproxima, até louvarias o entusiasmo das filhas de Eva...

Mensageira de Deus

Depois de visitar os arceprestados e concelhos do Alto Minho a imagem da Virgem aparecida em Fátima esteve no vizinho concelho de Vila Verde. Se os foguetes servissem de termómetro, pela sua quantidade e qualidade, para medir a espiritualidade dos povos os vilaverdenses já estavam na Via Unital!

No dia 16 a Mensageira foi para Braga, e, como era natural, passou no lugar do Bico. Estava lá muita gente e o cortejo foi de imponência extraordinária. Contudo a afluência de povo seria muito maior se a partida fôsse às 16,30 horas, como estava nos programas. Assim muitíssimas pessoas não puderam assistir e ficaram pelos caminhos ou só viram a cauda da procissão.

Festa do S. Martinho

No próximo dia 4 de Novembro começam as novenas preparatórias da festa de S. Martinho, Orago desta freguesia. Terminarão no dia 12, para no dia 13 se realizar a festa religiosa, por ser o domingo dentro da oitava. Bem sabes que o dia de S. Martinho é o dia 11 de Novembro. Como porém, é um dia de semana, e já é costume fazer-se a romaria no domingo imediato, a comissão resolveu organizar para o dia 11, uma feira anual de gado, compreendendo todos os animais domésticos comerciais, feira que é franca e para a realização da qual já obteve a devida autorização camarária. Há prémios que o júri atribuirá às melhores juntas de vacas gordas e de trabalho, e às melhores juntas de vacas gordas e de trabalho, bem como às melhares juntas de touros e touros de raça borrosã. Também há prémios destinados à melhor vaca

e touro turina, bem como ao melhor porco gordo e à melhor porca de criação. Para os bêbedos e bêbadas, se aparecerem na feira, ainda que obtenha o 1.º lugar, não há prémio, porque a comissão não os considera animais domésticos comerciáveis. Não queres comprar nenhum?...

As províncias do Ultramar

Não posso terminar esta carta sem te manifestar o nojo que produziram em mim e no povo português, os ataques feitos na O.N.U. à presença de Portugal no Mundo.

Dispõe do teu: J. Moreira

Inportante

A agência de V. A. M., nesta localidade, leva ao conhecimento do Ex.º público de que a partir da próxima 4.ª feira, passa a realizar-se uma carreira entre F. Nova—Monsul, a qual será e só no dia do mercado.

A mesma Agência, está a fazer esforços para conseguir uma nova carreira entre F. Nova e Sequeiros, a passar por Carrazedo, (Pilar).

Era de facto interessante que a V. A. M. acolhesse este pedido o qual muito beneficiaria o nosso mercado semanal e a população das freguesias: Carrazedo, Fiscal, S. Vicente, Torre, Coucieiro, Sequeiros e ainda algumas freguesias de Terras de Bouro.

O Gerente da Agência, está plenamente confiado que o seu trabalho será coberto de êxito.

O Circuito de Ermezinde

Continuação da 2.ª página

depois de ter tirado uma classificação honrosa, foi-lhe atribuído um lugar vergonhoso, sem direito a prémio, e resultou que a sua equipa desceu a 4.º lugar quanto tinha direito ao 3.º tudo isto derivado por estar um júri composto por pessoas incompetentes e sem carácter, tudo isto só para beneficiar o F. C. Porto.

Apelamos para que essas pessoas, para vem do desporto da Modalidade de ciclismo, abandonem os lugares, já que não tem moral para os usufruir.

TRIBUNA LIVRE

Vende-se em Lisboa na INCREMENTUM - Rua Santa Marta, 58-3.º onde também se recebem assinaturas e publicidade

Visado pela Censura

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

(Por DOMINGOS M. DA SILVA)

N.º 79

(CONTINUAÇÃO)

A residência paroquial anda em reconstrução, desde os alicerces.

Tem, como se referiu, ligação com a sede do concelho por um ramal que parte da estrada de Vilar. Passa sobre o Homem por uma ponte de pègão assente num calhau a meio do leito do rio e de Gondoris vai até Valdreu, só até à senhora da Luz.

A limitação com esta freguesia sua vizinha a sudoeste, e que foi o antigo couto de Valdreu, está demarcada; no entanto, alonga-se um pouco no sentido dela, até um ribeiro que fica a uns 50 metros da confrontação comum.

* * *

Com o contrapeso destas últimas três freguesias, finda por aqui a jurisdição administrativa de Terras de Bouro, ao mesmo tempo que também se dá por terminado o trabalho de compendiar pela primeira vez em volume a história local de uma região e habitantes que há menos de cem anos P. Leal se atreveu a dizer que era uma terra perdida e ignorada dos Portugueses da sua geração, para logo se contradizer ao asseverar que por aqui se produziam nabos gigantescos cujos exemplares eram carregados em padiolas e levados de presente.

Com efeito, se os termos — montes e vales, encostas, vertentes, píncaros, alturas, fragas e penedias; fontes, rios e ribeiros, matagais e espessuras; rudeza agreste a par de uma beleza natural incomparável e surpreendente, constituem a nomenclatura trivial que, o melhor que foi possível, deixou assinalada a accidentalidade deste recanto da terra portuguesa — o isolamento e a independência foram na verdade as notas mais características do viver destes povos durante muitos séculos.

Vincou-lhes exactamente esse seu modo de ser o receio de gentes estranhas que teimaram sempre em violar-lhes a clausura, a ponto de fazerem passar de portela a portela, através de seus domínios sertanejos, a via imperial dos Romanos com que ficaram ao sabor e alcance de todos quantos outros povos e raças vieram depois desses dominadores, até ao dia que cerraram para sempre as portas da Fortaleza natural de suas montanhas aos vizinhos galegos e lioneses.

Criou-lhes esse conjunto de circunstâncias históricas uma psicologia própria — a do receio de contacto com o mundo exterior. A *Geira* transformou-se pouco a pouco em ruínas, interrompida de socacos e matagais que a tornaram intransitável. Parece que um natural instinto de destruição se transmitia de uma a outra geração com propósitos de apagá-la da face da terra, com todos os vestígios da sua passada grandeza e importância.

Então viveu este povo seus largos períodos de alheamento, mas sempre com os olhos postos na Portela de Homem.

Foi valhaoito de refugiados políticos e até de criminosos e salteadores, como se transformasse em velho couto de homisiados que, ou se sentiam impunes e seguros ou transpunham a dois passos a fronteira. Foi senda conhecida de muitas levas de emigrados a caminho da França pela guia de passadores clandestinos.

Foi a estância romanescas de uma «professa» foragida do seu convento, quando nesta solidão veio procurar asilo, tentar encobrir o escândalo, não por certo o remorso pungente que devia atormentar-lhe a alma escandalizada de si mesma ao buscar com «o terno amante» este ermitério para transgredir todas as leis da vida monástica; e consta que ainda para aí existem no descampado restos da célebre «casa da freira».

De pouco lhe valeu o esconderijo, pois breve poema de autor anónimo lhe immortalizou a façanha com um soneto que traz Tude de Sousa no *Gerês* e muitos outros escritores.

Estes povos viveram assim muitos séculos a sós com as suas moiras encantadas pelas gigantes cas penedias envoltas em manto de neve, ou a ver tremeluzir os raios do sol no espelho das águas que escorrem das fragas pelas cimeiras dos montes. Viveram com mais receio de seus semelhantes que das próprias

(Continua no próximo número)

Falta de notícias de Terras de Bouro

UM ILUSTRE TERRABOURENSE

escreve-nos lamentando a falta de notícias da sua terra.

Tem muita razão, mas não obstante os nossos esforços não nos tem sido possível conseguir essa colaboração tantas vezes pedida e desejada.

É até lamentável que as forças vivas de Terras de Bouro tendo este jornal livre e independente ao seu dispor para defender os interesses do concelho, teimem em não se querer servir dele, para notabilizar as suas instituições e para levar aos seus conterrâneos espalhados pelo mundo a voz do torrão natal.

Porque achamos que esta carta honra Terras de Bouro, não só pela pessoa que de Nova Lisboa no-la dirige, mas também pelo bairrismo e patriotismo que encerra, mesmo sem autorização para o fazer, do que ao autor pedimos muita desculpa, vamos publicá-la na íntegra, convencidos que desta forma o seu apelo será melhor acolhido, apreciado e compreendido.

Ex.º Sr. Director da Tribuna Livre.

«É com verdadeiro pesar que os oriundos de Terras de Bouro espalhados pelo mundo e assinantes de «A TRIBUNA LIVRE» continuam a receber o jornal sem a mais pequena referência ao seu concelho. Uma vez por outra surge um apelo de colaboração mas ninguém toma a iniciativa de enviar

qualquer referência a factos com interesse para aqueles que, longe da sua terra, continuam a pensar em tudo o que deixaram ao partir. Fica-se com a impressão de que não há ali o mais pequeno interesse de fazer chegar ao conhecimento de todos os filhos da terra espalhados pelo mundo (que são muitos) os problemas e anseios locais. Fica-se com a impressão de que tudo ali continua parado, sem vida nem entusiasmo numa época em que tudo evolui. É impossível que, num concelho relativamente grande, não se encontrem motivos para uma pequena notícia em cada semana. O facto de nada se mencionar apenas pode ser atribuído à falta de interesse, ao individualismo egoísta, à falta de bairrismo, de união e colaboração, falta essa que é gerada pela velha intriga aliada à inveja que as mentalidades mesquinhas fomentam sempre nos meios pequenos. Todavia quanto mais pequeno é um agregado social mais necessidade tem de união para resolver os problemas locais da comunidade. Quem percorrer certas regiões encontrará pequenas comunidades onde tudo parece jovem, progressivo e optimista quase sem possibilidades para tal. Procurando a explicação de tudo isso encontrámo-la na união e colaboração de todos.

Terras de Bouro

E OS SEUS PROBLEMAS

É um pouco difícil, para quem desde há longos anos tem um contacto mínimo com esse lindo rincão minhoto, poder falar acertadamente dos seus problemas mais prementes. Há todavia pormenores e pequenos quadros que, uma vez observados, ficam para sempre na memória e uma simples recordação da terra torna mais vivos através dos anos.

Quem algum dia se viu forçado a passar algum tempo longe da terra que o viu nascer, habituou-se a dedicar horas contínuas a uma visão retrospectiva das pessoas, das coisas e dos lugares que anteriormente faziam parte da sua vida. É uma visão do passado, é certo, mas uma visão que, em relação a Terras de Bouro, é sempre presente e quem dali parte leva a certeza de encon-

trar no regresso tudo igual à partida. Parte a criança para os seus estudos na cidade, sonha durante três meses encontrar tudo diferente ao voltar e quando regressa apenas encontra as alterações provocadas pelas estações do ano e alguns valados derrubados pela acção do tempo. Parte o emigrante, demora-se anos a fio e, no regresso, encontra uma ou outra casa caiada de branco, uma tentativa frustrada da construção duma estrada e velhos amigos de infância com cabelos brancos. De resto tudo continua igual. Os caminhos com as mesmas pedras um pouco mais gastas; os mesmos campos talvez mal cultivados, mais abandonados; os mesmos montes cobertos de pinheiros; as mesmas povoações com as mesmas casas per-

Em Terras de Bouro encontramos uma espécie de desânimo, de decadência, de fatalismo. Não há dúvida de que tem de haver uma explicação para tal e essa explicação é-nos dada em parte pelo facto de cada um pensar apenas em si com inteiro desprezo pela vida em conjunto e reparando apenas nos outros para os invejar, para lhes desejar mal, para os criticar e muitas vezes criar-lhes dificuldades. Ora cabe à imprensa destruir essa maneira de pensar e viver; cabe à imprensa desimar as mentalidades tacanhas com uma crítica construtiva e orientadora; cabe à imprensa levar ao conhecimento de todos os problemas que é necessário resolver para tornar mais agradável a vida em conjunto; cabe à imprensa unir os povos para os fazer progredir. Há muitas coisas que se podem fazer em qualquer meio desde que todos se unam e colaborem. Na vizinha Espanha, tão mal tratada pela guerra, encontramos belos exemplos de colaboração que a estão a fazer grande mesmo nos meios pequenos. Ali sabe-se que o progresso económico está dependente do progresso psicológico dos povos e as célebres «Catedras Ambulantes» são autênticos «Cavalos de Troia» introduzidos nos «pueblos» para destruir a litocefalose e gerar uma nova maneira de pensar e querer, unindo as gentes. Não podemos nós dispôr de verdadeiros espíritos altruístas que vão de porta em porta moldar vontades com o sopro do progresso mas podemos ao menos utilizar as páginas dos jornais que, tão gentilmente, estão à nossa disposição, e as nossas simples palavras serão lidas à luz dum candieiro de petróleo nas nossas aldeias, nos cafés das grandes cidades e nos confins do mundo e serão um laço de união, um fomento de bairrismo que é condição de progresso. Por isso, Sr. Director, bem haja pelos seus apelos e por favor não deixe de insistir para bem de Terras de Bouro.

José António de Araújo
Alferes da E.A.M.A.
Nova Lisboa-Angola

Leia, Assine

e Publique

«Tribuna Livre»

Visado pela Censura

Continua na 4.ª página

Tribuna Desportiva

Surpresa na primeira Divisão: O Atlético impõe um empate ao Belenenses — Benfica e Porto comanda a Classificação Geral.

A surpresa da quarta jornada do Campeonato Nacional de Futebol, na Primeira Divisão, foi o empate que o Atlético impôs ao Belenenses, na Tapadinha. É tradicional que os «azuis» experimentam dificuldades no campo do Atlético mas este ano esperava-se que o Belenenses conseguisse vencer, tanto mais que o Atlético ainda não conseguira, até agora, um único ponto. O Sporting, batendo o Braga por 6-1, foi a equipa que alcançou melhor resultado.

Resultados 1.ª Divisão.

4.ª Jornada:

Sporting	6	—	Braga	1
Guimarães	2	—	Académica	0
Cuf	1	—	F. C. Porto	2
Leixões	1	—	Barreirense	0
Atlético	1	—	Belenenses	1
Salgueiros	0	—	Benfica	2
Lusitano	0	—	Covilhã	1

Resultados da 2.ª Divisão Nacional

Zona Norte	Zona Sul		
Torreense — Sanjoanense	5-2	Desp. Beja — Portimon.	0-1
Boavista — Feirense	3-2	Alhandra — Sacavenense	8-0
U. Coimbra — Vianense	2-0	Olhanense — Juventude	5-0
Oliveirense — Gil Vicente	2-1	Lusitano — V. Setubal	0-0
Caldas — Peniche	1-1	Estoril — U. Montemor	4-1
Beira Mar — Marinhense	2-2	Desp. Montijo — S.L. Olivais	2-0
C. Branco — Chaves	1-1	Oriental — Fareense	1-0

CLASSIFICAÇÃO

	PONTOS
Benfica	8
F. C. Porto	8
Covilhã	7
Belenenses	5
Sporting	4
Salgueiros	4
Guimarães	4
Cuf	4
Braga	3
Leixões	3
Lusitano	2
Académica	1
Atlético	1
Barreirense	0

Jogos para amanhã 1.ª Divisão

F. C. do Porto — Sporting
Belenenses — Lusitano
Benfica — Leixões
Covilhã — Cuf
Académica — Braga
Guimarães — Salgueiros
Barreirense — Atlético

Jogos para Amanhã 2.ª Divisão Zona Norte

Oliveirense — Boavista
Feirense — Castelo Branco
Chaves — Caldas
Peniche — U. Coimbra
Vianense — Beira Mar
Marinhense — Torreense
Gil Vicente — Sanjoanense

Zona Sul

Olivais — Oriental
Juventude — Fareense
Portimonense — Montijo
Montemor — Beja
Setúbal — Estoril
Sacavenense — Lusitano
Olhanense — Alhandra

Várias Notícias

Foi escolhido como seleccionador nacional o antigo «internacional» e jogador do Sporting, Armando Ferreira, que seleccionou a equipa portuguesa que alcançou o terceiro lugar no Campeonato Europeu de Juniores. O novo seleccionador, que tem plenos poderes, já indicou treinador: Otto Glória.

* * *

Com grande afluência de público, foi ontem inaugurada, no hipódromo do Campo Grande, a Reunião de Outono. Disputaram-se 3 corridas de galope, em que saíram vencedores os cavalos «Sino», «Sumbet» e «Baby-Doll»; e duas de trote, ganhas por «Marbore» e «Conte-Amour».

* * *

Na segunda eliminatória da estafeta de 4x400 metros, nos jogos Ibero-Americanos, a equipa portuguesa, composta por Neves da Silva, Rogério Gonçalves, Fernando Castro e Valentim Baptista, classifi-

O SILÊNCIO DE FATIMA

(Continuação da 1.ª página)

Tudo teria sido, pois, igual ou semelhante aos anos anteriores — se não fosse o silêncio, esse espantoso silêncio da procissão das Velas com que os peregrinos responderam ao apelo do Santo Padre, já que o Santo Padre uma vez mais quis que o Santuário de Fátima fosse o Altar do Mundo, nesta cruzada mundial de orações pela Paz que ora decorre por decisão do Pontífice.

O Silêncio de Fátima não foi apenas a resposta aos murros brutais e às brutais ameaças que durante dias seguidos se fizeram ouvir na Assembleia Geral das Nações Unidas; foi mesmo algo mais do que uma manifestação de solidariedade com os muitos milhões de crentes cuja fé está amordaçada para além da «Cortina de Ferro» e que constituem a chamada «Igreja do Silêncio». Reconheçamos que foi, também, uma réplica de inspiração divina ao dilúvio de palavras em que a nova Babel se afoga e se perde.

É pecado invocar em vão o nome de Deus. Não será talvez menos pecado invocar em vão, a todo o momento,

cou-se em segundo lugar e bateu o recorde de Portugal, com 3m 18,8s.

* * *

FRANCFORT, 18 — Portugal está a vencer as Filipinas por 1-0 na série de 4 jogos, que disputará com aquele país nas Olimpíadas de Xadrez, que decorrem nesta cidade. Os outros adversários de Portugal são: Holanda, União Indiana, Rússia, Mónaco, Áustria, Polónia, Argentina e Itália.

aquelas virtudes e dons que são reflexo de Deus. O grande pecado do nosso tempo é a idolatria da palavra; a grande heresia contemporânea, entre a sociedade que ainda se diz cristã, é o culto farisaico da oratória. Tal como os velhos moinhos de orações dos tempos budistas, o Ocidente tritura por dia toneladas de papel impresso, espalha pelos quatro cantos da Terra, de hora a hora, milhões e milhões de palavras — das mais belas palavras. A desvalorização da palavra alcançou um nível jamais atingido. À força de falar e de ouvir falar em Paz e em Guerra, em Liberdade e em Tirania, nas excelências da Virtude ou nos malefícios de Vício; no heroísmo dos Santos ou na vida conjugal dos Príncipes ou dos Actores, o homem do Ocidente começa a ter a náusea da palavra, o enfarto das ideias, a necessidade instintiva de seguir o exemplo da orgia pagã — ou do clausuro medieval.

O silêncio de Fátima deve ter dado aos quatrocentos mil peregrinos ali reunidos a visão trágica do abismo que separa do mundo das Palavras o mundo das Realidades. Por momentos, Fátima pareceu uma nova Arca de Noé, guardando os sobreviventes da sociedade cristã no meio da desolação geral; houve uma hora, em Fátima, tão dolorosa, tão muda, que já parecia a «vegesima-quinta-hora», aquela que se vive depois da última. Ainda não é chegada essa hora do moderno apocalipse. Esperemos que não chegue. E foi precisamente para que ela não chegue que em Fátima desfilarão, em silêncio, quatrocentos mil peregrinos.

PERGAMINHOS DE CASTRO

Por D. S.

Memorial de Montebelo

Provocou-lhe suspeitas de ambos os lados a melindrosa situação em que se achou. Como entre dois fogos e campos opostos sempre conseguiu agarrar-se a uma tábua de salvação na longa tormenta, e tirar partido da adversidade que o oprimia de perto — esta foi a melhor prova do seu grande talento e dotes de consumado cortesão e diplomata.

Serenados os tempos e a luta, levantou-se o juízo da História e muitos autores imparciais se esforçaram por reabilitar a memória de Montebelo. Dos que mais luz fizeram neste ponto, foram os condes da Ericeira no *Portugal Restaurado*, mas submetem-se à crítica de outros, quando ainda mal informados persistiam em suas dúvidas e opiniões. Mais recentemente, Pinheiro Chagas não deixou passar, em branco as honras e homenagens que entendeu ser de justiça prestar aos marqueses de Montebelo e a seus ascendentes, e também sofreu diatribes. Camilo, com a sua conhecida e imperdoável má vontade à figura do insigne Restaurador, é dos que mais deprime Montebelo, sem poupar os seus ascendentes e descendentes. O que vale é que a justiça de cada um avalia-se pelo ânimo com que julga.

Surpreende a muitos críticos dessa época literária a abundância de tratados genealógicos que então se publicaram.

Os velhos livros das linhagens, adormecidos nos arquivos desde os princípios da 2.ª dinastia, que se criara e desenvolvera uma outra cavalaria — a do mar — foram novamente codificados, anotados e planeados.

Cada família tratou de descobrir e arrancar deles suas fundas raízes, levantar seu tronco e ramagens.

Os Filipes usurpadores ignoravam ou fingiam ignorar as prer-

rogativas e direitos da nobreza de Portugal, embora mui naturalmente compreendesse que ela estava bem relacionada com a de Castela por sucessivas alianças.

Foi a oportunidade de se escreverem e mandarem imprimir os *Sumários* e os *Memoriais* em que os herdeiros do sangue e serviços prestados por seus maiores, sentindo-se esquecidos e vilipendiados pela preferência dada a estranhos, começaram daí e por esse meio a erguer os seus clamores contra a injustiça que lhes era feita.

Todos ou quase todos estes memoriais foram escritos e impressos em castelhano, para que o supremo inquisidor não pudesse alegar o desconhecimento da linguagem em sua defesa, e para lisongear-lo. Sabe-se quanto este momento crítico pesou em detrimento das Letras pátrias.

Algo, porém, de benefício e transcendente resultou dessa iniciativa e campanha. É que ninguém se levanta sem cair; e ao mesmo tempo que as novas gerações se acharam na necessidade de meditar nas virtudes e feitos de seus maiores, a quem tinham de tecer o elogio das acções e merecimentos, à medida que os iam encadeando, isto foi motivo que se lhes despertasse o brio e o exemplo e avaliassem quanto eram pusilânimes em suportar indignamente, e com todas as suas más consequências, a insuportável afronta do jugo estrangeiro.

Viam cada vez mais cerradas as portas de acesso ao valimento e privança dos príncipes; os postos que legítimamente lhes pertenciam distribuídos por mãos alheias.

A seguinte passagem do original manuscrito do Memorial de Montebelo prova, mesmo nas entrelinhas da delicadeza e inevitável cortesia devidas à autoridade soberana, a que ponto subira a exasperação dos fidalgos portugueses; e, mesmo assim, como se lhes representavam de cabeça erguida os queixumes contra as promessas e os juramentos não cumpridos. Antes, porém, há que ter em conta o agravo e logro de que Montebelo se apercebeu que lhes estavam a ser feitos por Filipe IV de Castela, com a mercê da simples desistência do senhorio das terras de Entre-Homem e Cávado por parte de

(CONTINUA)